

For els

MARY
BEARD

*Uma história
da Roma antiga*

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

CRÍTICA

MARY BEARD

SPQR

Uma história da Roma antiga

Tradução
LUIS REYES GIL

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Mary Beard Publications, 2015
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017
Todos os direitos reservados.
Título original: *SPQR: a History of Ancient Rome*

Coordenação editorial: Sandra R. F. Espilotro
Preparação: Tiago Ferro
Revisão: Carmen T. S. Costa e Juliana A. Rodrigues
Diagramação: A2
Imagem de capa: Eugene_Photo/Shutterstock
Capa: Violaine Cadinot

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Beard, Mary
SPQR: uma história da Roma Antiga / Mary Beard; [tradução Luis Reyes Gil].
– 3. ed. – São Paulo: Planeta, 2023.
560 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-422-2478-8
Título original: SPQR: A History of Ancient Rome

1. Roma - Política e governo 2. Roma - Condições sociais 3. Roma - História I.
Título II. Gil, Luis Reyes

23-6037

CDD: 937

Índice para catálogo sistemático:
1. Roma - Política e governo

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Capítulo 1

O melhor momento de Cícero

SPQR: 63 a.C.

Nossa história da Roma Antiga começa em meados do século I a.C., mais de seiscentos anos após a fundação da cidade. Começa com promessas de revolução, com uma conspiração terrorista para destruir a cidade, com operações secretas e arengas públicas, com uma batalha entre romanos e romanos, e com cidadãos (inocentes ou não) sendo rodeados e sumariamente executados em nome da segurança do país. O ano é 63 a.C. Num dos lados está Lúcio Sérgio Catilina [Lucius Sergius Catilina], um aristocrata descontente, falido e mentor de uma conspiração, era o que se acreditava, para assassinar as autoridades eleitas de Roma e incendiar a cidade — cancelando com isso todas as dívidas, tanto dos ricos quanto dos pobres. Do outro lado está Marco Túlio Cícero [Marcus Tullius Cicero] (apenas Cícero a partir de agora), o famoso orador, filósofo, sacerdote, poeta, político, inteligente e piadista, um dos marcados para ser assassinado — e um homem que nunca parou de usar seu talento retórico para se gabar de como havia descoberto o terrível plano de Catilina e salvado o Estado. Esse foi seu melhor momento.

Em 63 a.C., a cidade de Roma era uma grande metrópole com mais de 1 milhão de habitantes, maior do que qualquer outra da

Europa antes do século XIX; e, embora até aquele momento não tivesse imperadores, governava um Império que se estendia da Espanha à Síria, do sul da França ao Saara. Era uma vasta mistura de luxo e lixo, liberdade e exploração, orgulho cívico e guerra civil mortífera. Nos próximos capítulos vamos lançar nosso olhar mais para trás, para os primórdios do período romano e para as primeiras aventuras, beligerantes ou de outro tipo, do povo romano. Vamos pensar sobre o que está por trás de algumas daquelas histórias da Roma primordial que ainda causam impacto hoje, de “Rômulo e Remo” ao “Estupro de Lucrecia”. E fazer perguntas que os historiadores têm feito desde a Antiguidade. Afinal, como e por que uma cidadezinha comum no centro da Itália cresceu e ficou tão maior do que qualquer outra cidade no antigo Mediterrâneo e chegou a comandar um Império tão vasto? O que os romanos tinham de especial, se é que tinham algo? Mas, tratando-se da história de Roma, faz pouco sentido começar do princípio de tudo.

Só podemos começar a explorar Roma de perto e com detalhes eloquentes, por meio do olhar contemporâneo, a partir do século I a.C. Sobrevive desse período uma extraordinária riqueza de palavras: cartas privadas, discursos públicos, filosofia e poesia — épica e erótica, erudita e popular. Graças a tudo isso, podemos ainda acompanhar as maquinações cotidianas das grandes figuras políticas de Roma, espreitar suas barganhas e negociatas e ter um vislumbre das suas punhaladas pelas costas, metafóricas e literais. Até mesmo ter uma noção de suas vidas privadas: as desavenças conjugais, os problemas com dinheiro, a dor diante da morte de um filho ou, às vezes, de seus amados escravos. Não há nenhum período anterior da história do Ocidente que possa ser conhecido tão bem ou tão intimamente (não temos nada próximo dessa rica e variada evidência a respeito da Atenas clássica). Só depois de mais de um milênio, no mundo da Florença renascentista, é que encontramos outro lugar que é possível novamente de ser conhecido com esse grau de detalhe.

Mais ainda, foi durante o século I a.C. que os próprios escritores romanos começaram a estudar sistematicamente os séculos anteriores de sua cidade e do seu Império. A curiosidade sobre o passado de

Roma certamente recua mais no tempo: podemos também ler, por exemplo, uma análise de como a cidade ganhou poder, escrita por um residente grego em meados do século II a.C. Mas foi apenas a partir do século I a.C. que eruditos e críticos romanos começaram a propor muitas das questões históricas que ainda levantamos hoje. Por meio de um processo que juntou a pesquisa erudita com uma boa dose de construção e invenção, eles montaram uma versão da Roma primordial na qual confiamos ainda hoje. Continuamos vendo a história romana, ao menos em parte, segundo a visão do século I a.C. Ou, em outras palavras, foi nesse ponto que a *história* romana, como a conhecemos, começou.

O ano 63 a.C. é significativo nesse século crucial. Foi uma época de quase desastre para a cidade. Ao longo dos mil anos que vamos explorar neste livro, Roma enfrentou muitos perigos e muitas derrotas. Por exemplo, por volta de 390 a.C., um grupo armado de gauleses saqueadores ocupou a cidade. Em 218 a.C., o chefe guerreiro cartaginês Aníbal cruzou os Alpes com seus 37 elefantes e infligiu terríveis perdas aos romanos antes que estes conseguissem rechaçá-lo. As estimativas de mortes na Batalha de Canas em 216 a.C., de 70 mil mortos numa única tarde, fazem dela um massacre tão grande quanto Gettysburg ou o primeiro dia da Batalha do Somme, talvez até maior. E, algo quase tão assustador na imaginação romana, na década de 70 a.C., uma força improvisada de ex-gladiadores e fugitivos, sob o comando de Espártaco, mostrou estar mais do que à altura para enfrentar algumas legiões mal treinadas. Os romanos nunca foram tão invencíveis em batalha como tendemos a supor, ou como eles gostavam de fazer crer. Em 63 a.C., no entanto, tiveram que enfrentar o inimigo interno, uma conspiração terrorista no cerne do *establishment* romano.

A história dessa crise ainda pode ser rastreada em detalhes, dia a dia, às vezes hora a hora. Sabemos precisamente onde boa parte dela aconteceu, e em alguns poucos lugares ainda podemos olhar hoje para os mesmos monumentos que estavam presentes na cena em 63 a.C. Temos como acompanhar as ações secretas que deram a Cícero informações sobre a conspiração e ver como Catilina foi expulso

da cidade ao encontro de seu exército improvisado ao norte de Roma, e levado à batalha contra as legiões romanas oficiais que lhe custou a vida. Podemos também vislumbrar algumas das discussões, controvérsias e questões mais amplas que a crise levantou e ainda levanta. A dura reação de Cícero — incluindo execuções sumárias — colocou de maneira cabal questões que nos preocupam ainda hoje. Será legítimo eliminar “terroristas” à margem dos devidos processos legais? O quanto os direitos civis devem ser sacrificados em nome dos interesses da segurança interna?

Os romanos nunca pararam de debater “A conspiração de Catilina”, como ficou conhecida. Será que Catilina era totalmente perverso, ou haveria algo a dizer a seu favor para atenuar o que fez? A que preço a revolução foi evitada? Os eventos de 63 a.C., e as expressões criadas na época, continuaram a ecoar por toda a história do Ocidente. Algumas das palavras ditas nos tensos debates que se seguiram à descoberta da conspiração ainda encontram lugar em nossa retórica política e ainda são, como podemos ver, ostentadas em faixas e cartazes, e até nos *twítes*, dos protestos políticos modernos.

Quaisquer que tenham sido seus acertos e erros, “A Conspiração” nos leva ao centro da vida política romana do século I a.C., às suas convenções, suas controvérsias e aos seus conflitos. Ao fazer isso, permite-nos ver em ação o “Senado” e o “Povo Romano” — as duas instituições cujos nomes estão incorporados ao título deste livro: *SPQR* (*Senatus PopulusQue Romanus*). Individualmente, e às vezes em feroz oposição, essas eram as principais fontes da autoridade política na Roma do século I a.C. Juntas formavam um slogan abreviado do poder legítimo do Estado romano, um slogan que atravessou toda a história de Roma e continua a ser usado na Itália no século XXI. De modo ainda mais disseminado, o Senado (sem o *PopulusQue Romanus*) emprestou seu nome às assembleias legislativas modernas por todo o mundo, dos Estados Unidos a Ruanda.

O elenco de personagens da crise inclui algumas das mais famosas figuras da história romana. Caio Júlio César [Gaius Julius Caesar], então com trinta anos, fez uma contribuição radical ao debate sobre como punir os conspiradores. Marco Licínio Crasso [Marcus



1. Os robustos arcos e colunas do “*Tabularium*”, encravado no palazzo de Michelangelo acima dele, ainda são o principal marco de um dos extremos do Fórum romano. Construído apenas duas décadas antes de Cícero ser nomeado cônsul em 63 a.C., deve ter parecido na época um dos mais esplêndidos avanços da arquitetura. Sua função é menos óbvia. Era sem dúvida algum tipo de edifício público, mas não necessariamente o “escritório de registros” (*tabularium*), como se supõe muitas vezes.

Licinius Crassus], o plutocrata romano que fez a famosa observação de que você não pode julgar alguém como rico se ele não tiver dinheiro para montar o próprio exército particular, desempenhou algum papel misterioso nos bastidores. Mas no centro do palco, como principal adversário de Catilina, encontramos uma pessoa a quem é possível conhecer melhor do que os outros em todo o mundo antigo. Os discursos, ensaios, cartas, piadas e poesias de Cícero ainda enchem hoje dezenas de volumes impressos. Não há ninguém mais na Antiguidade, até chegarmos a Agostinho, 450 anos depois — santo cristão, teólogo prolífico e ávido auto-observador —, cuja vida esteja documentada de forma pública e privada o suficiente para sermos capazes de reconstruir uma biografia plausível em termos modernos. E é em grande parte por meio dos escritos de Cícero, de seus pontos de vista e seus preconceitos, que vemos o mundo romano do século I a.C. e muito da história da cidade até a época



2. SPQR ainda está inscrito pela cidade de Roma — em tudo, desde tampas de bueiros até latas de lixo. Ela remonta à época em que Cícero viveu, e é uma das siglas mais duradouras da história. Como seria de esperar, deu lugar a paródias. “*Sono Pazzi Questi Romani*” é uma das favoritas dos italianos: “São malucos esses romanos”.

dele. O ano 63 a.C. foi o ponto de virada na sua carreira: pois as coisas nunca mais foram tão boas para Cícero. Sua trajetória terminou vinte anos mais tarde em fracasso. Ainda confiava na própria importância, era ocasionalmente um nome lembrado, mas não ocupava mais a linha de frente, e foi assassinado durante as guerras civis que eclodiram após o assassinato de Júlio César em 44 a.C. — com sua cabeça e a mão direita pregadas no centro de Roma à vista de todos, para serem desfiguradas e mutiladas.

A pavorosa morte de Cícero pressagiou uma revolução ainda maior no século I a.C., que se iniciou com uma forma de poder político popular, embora ainda não exatamente uma “democracia”, e terminou com um autocrata no trono e o Império Romano sob o governo de um homem. Embora Cícero possa ter “salvado o Estado” em 63 a.C., a verdade é que o Estado, na forma em que ele o havia conhecido, não iria durar muito. Havia outra revolução no horizonte, que seria mais bem-sucedida que a de Catilina. Ao “Senado e Povo Romano” foi logo acrescentada a figura arrogante do “imperador”, corporificada na série de autocratas que passaram a fazer

parte da história do Ocidente, lisonjeados e insultados, obedecidos e ignorados, por séculos. Mas esta é uma história da qual *SPQR* vai tratar mais tarde. Por enquanto, devemos assentar os pés em um dos episódios mais memoráveis, substanciais e reveladores de toda a história romana.

Cícero versus Catilina

O conflito entre Cícero e Catilina foi em parte um choque marcado por ideologia política e ambição, mas também um choque entre homens de históricos muito diferentes. Ambos estavam no topo, ou bem perto dele, da política romana; mas a similaridade termina aqui. Na realidade, suas carreiras contrastantes oferecem uma ilustração vívida do quanto podia ser diversificada a vida política em Roma no século 1 a.C.

Catilina, o possível revolucionário, teve, tanto na vida quanto na política, o início mais convencional, mais privilegiado e aparentemente mais seguro possível. Provinha de uma velha e distinta família cuja linhagem remontava séculos até os míticos pais fundadores de Roma. Contava-se que seu ancestral Sergesto [Sergestus] havia fugido do leste da Itália junto com Eneias após a Guerra de Troia, antes mesmo da existência da cidade de Roma. Entre seus antepassados de sangue azul, seu bisavô havia sido um herói da guerra contra Aníbal, com o mérito adicional de ter sido o primeiro homem de que se tem notícia a entrar em combate com uma prótese de mão — provavelmente apenas um gancho de metal em lugar da mão direita, perdida em combate. O próprio Catilina teve um início de carreira bem-sucedido e foi eleito para uma série de cargos políticos menores, mas em 63 a.C. estava próximo da falência. Foram-lhe atribuídos vários crimes, desde o assassinato da sua primeira esposa e do próprio filho até relações sexuais com uma sacerdotisa virgem. Mas quaisquer que fossem seus custosos vícios, seus problemas financeiros decorriam parcialmente de suas repetidas tentativas de vencer eleições para se tornar um dos dois cônsules, os postos políticos mais poderosos da cidade.

Uma campanha eleitoral em Roma podia ser um negócio dispendioso. Por volta do século 1 a.C. exigia o tipo de generosidade

pródiga que nem sempre é fácil de distinguir do suborno. As apostas eram altas. Aqueles que fossem bem-sucedidos nas eleições tinham a oportunidade de recuperar seu desembolso, legal ou ilegalmente, por meio de algumas das regalias do cargo. Os fracassados — e, como no caso das derrotas militares, havia mais gente nessa condição em Roma do que geralmente se admite — afundavam-se ainda mais em dívidas.

Era esse o caso de Catilina, depois de ter sido derrotado nas eleições anuais para o consulado tanto em 64 quanto em 63 a.C. Embora a história usual seja que ele já vinha antes se inclinando nessa direção, agora tinha pouca alternativa exceto recorrer à “revolução”, à “ação direta” ou ao “terrorismo”, o nome que você quiser dar. Juntando forças com outros desesperados da classe alta em apertos similares, ele buscou dentro da cidade o apoio dos pobres descontentes, enquanto reunia fora dela seu exército improvisado. E não havia fim para as suas irrefletidas promessas de perdão da dívida (uma das formas de radicalismo mais desprezíveis aos olhos das classes romanas proprietárias de terras) ou de suas graves ameaças de destituir os políticos no poder e incendiar a cidade inteira.

Ou pelo menos era assim que Cícero, um dos que acreditavam estar na mira dele para ser destruído, resumia as motivações e objetivos de seu adversário. Ele tinha procedência muito diferente da de Catilina. Descendia de ricos proprietários de terra, como todos os políticos romanos de alto nível. Mas suas origens ficavam fora da capital, na pequena cidade de Arpinum, a cerca de cem quilômetros de Roma, ou seja, pelo menos um dia de jornada na antiga velocidade de viagem. Embora devessem ter sido proeminentes na sua região, nenhum membro de sua família tinha participado da cena política romana. Sem nenhuma das vantagens de Catilina, Cícero confiava em seus talentos de nascença, nos preciosos contatos que cultivava com assiduidade — e em saber ascender por meio da palavra. Ou seja, seu principal mérito era como advogado brilhante nos tribunais romanos; e o status de celebridade e os apoiadores de prestígio que isso lhe proporcionou permitiram-lhe ser eleito com facilidade para a obrigatória série de pequenos cargos,

do mesmo modo que Catilina. Mas em 64 a.C., Catilina fracassou e Cícero foi bem-sucedido em ganhar a corrida para o consulado do ano seguinte.

Esse supremo sucesso não foi uma conclusão inquestionável. Apesar de toda a sua celebridade, Cícero enfrentava a desvantagem de ser um “homem novo”, que era como os romanos chamavam os que não tinham ancestralidade política, e a certa altura ele parece ter considerado a possibilidade de fazer um pacto eleitoral com Catilina, apesar da reputação duvidosa deste. Mas, no final, os eleitores influentes foram decisivos. O sistema eleitoral romano, abertamente e sem o menor pejo, dava peso maior aos votos dos ricos; e muitos deles devem ter concluído que Cícero era uma opção melhor do que Catilina, qualquer que fosse seu desdém esnobe pelo seu “noviciado”. Alguns de seus rivais diziam que era um mero “inquilino” de Roma, um “cidadão em meio expediente”, mas ele venceu o pleito. Catilina acabou no malsucedido terceiro lugar. Em segundo, eleito como o outro cônsul, ficou Caio Antônio Híbrida [Gaius Antonius Hybrida], tio de um mais famoso Antônio (“Marco Antônio”), cuja reputação revelou-se não muito melhor que a de Catilina.

Por volta do verão de 63 a.C., Cícero parece ter se dado conta do nítido perigo representado por Catilina, que de novo tentava a sorte como candidato. Usando sua autoridade de cônsul, Cícero adiou o turno seguinte de eleições, e quando finalmente deixou que elas prosseguissem, apareceu no dia da apuração com uma guarda armada e vestindo um colete de metal militar visível por baixo de sua toga. Foi um gesto histriônico, e a combinação de vestes civis e militares soou de uma incongruência alarmante, como se hoje um político entrasse na câmara vestindo um terno e com uma metralhadora dependurada no ombro. Mas funcionou. Essas táticas de intimidação, e o programa vociferantemente populista de Catilina, garantiram que ele fosse novamente derrotado. O fato de ele se apresentar como um arruinado que defendia outros arruinados dificilmente despertaria apreço entre os eleitores da elite.

Logo após as eleições, em algum ponto do início do outono, Cícero começou a receber informações mais precisas sobre uma

conspiração violenta. Por longo tempo havia obtido alguns dados por meio da namorada de um dos “cúmplices” de Catilina, uma mulher de nome Fulvia, que de certo modo se tornara um agente duplo. Agora, graças a mais um ato de traição do outro lado, e tendo o rico Marco Crasso como intermediário, Cícero obteve um maço de cartas que incriminavam diretamente Catilina e se referiam ao terrível banho de sangue que estava sendo planejado — informação que logo foi complementada por relatos confirmados de que havia forças armadas reunidas ao norte da cidade em apoio à insurreição.

Finalmente, depois de ter evitado uma tentativa de assassinato planejada para 7 de novembro, graças a uma informação vazada por Fulvia, Cícero convocou uma reunião do Senado para o dia seguinte, na qual ele pudesse formalmente denunciar Catilina e intimá-lo a sair de Roma. Os senadores já haviam, em outubro, emitido um decreto encorajando (ou permitindo) que Cícero, como cônsul, “garantissem que o Estado não sofreria nenhum dano”, o equivalente antigo da atual lei de “poderes emergenciais” ou de “prevenção ao terrorismo”, e não menos controverso. Então, em 8 de novembro, eles ouviram Cícero expor toda a acusação contra Catilina, em um ataque virulento e bem fundamentado. Foi uma maravilhosa mistura de fúria, indignação, autocrítica e fatos consistentes. Em um primeiro momento ele lembrou aos presentes o notório passado de Catilina; no instante seguinte, arditamente se dizia arrependido por não ter reagido ao perigo rapidamente; mais adiante, revelava detalhes precisos sobre a conspiração — na casa de quem os conspiradores haviam se reunido, em que datas, quem estava envolvido e quais eram exatamente seus planos. Catilina comparecera para enfrentar pessoalmente a denúncia. Ele pediu aos senadores que não acreditassem em tudo o que lhes estava sendo dito e zombou algumas vezes da modesta origem de Cícero, comparada com os seus distintos ancestrais de esplêndidas realizações. Mas deve ter sentido que estava perdido. Naquela noite, abandonou a cidade.